

Artigo

Entre mitos e verdades: A representação da masculinidade dos homens acadêmicos da Universidade Federal Fluminense e sua implicação para o campo da saúde

Between myths and truths: The masculinity representation of the academic men of the Fluminense Federal University and its implication for the health field

Entre mitos y verdades: La representación de la masculinidad de los hombres académicos de la Universidad Federal Fluminense y su implicación para el campo de la salud

Felipe dos Santos¹

Cristina Portela da Mota²

Jorge Luiz Lima da Silva³

Cláudia Maria Messias⁴

Ricardo José de Oliveira Mouta⁵

Audrey Vidal Pereira⁶

RESUMO:

A masculinidade se apresenta de diferentes formas dentro da conjuntura social e cultural desses homens acadêmicos. Um dos principais reflexos dos padrões tradicionais de masculinidade no comportamento dos homens acadêmicos ocorre no campo da saúde, onde estudos sobre o tema apontam que, em geral, os homens não adotam medidas de promoção da saúde e prevenção de doenças, bem como não buscam ajuda quando ficam doentes. Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, de natureza qualitativa que teve como referencial metodológico a hermenêutica-dialética. Os participantes da pesquisa foram quinze acadêmicos do gênero masculino, de diferentes cursos de graduação da Universidade Federal Fluminense. Utilizou-se o questionário de dados sociodemográficos e um instrumento de entrevista semiestruturada. Dos resultados foram formuladas uma categoria: Ser e tornar-se homem na sociedade brasileira: Aprendendo masculinidades com homens acadêmicos da Universidade Federal Fluminense. Os depoimentos mostraram a importância de conhecer a representação que cada indivíduo possui acerca de sua

¹ felipedossantos1512@gmail.com

² motacristinap@gmail.com

³ jorgeluizlima@gmail.com

⁴ marimessi1512@gmail.com

⁵ ricardomouta@hotmail.com

⁶ auviprof@yahoo.com.br

masculinidade, para que melhor se compreenda o homem e suas expectativas. Conclui-se que o reduzido envolvimento dos acadêmicos com os cuidados em saúde decorre em função dos modelos de masculinidade que é estabelecida ao longo da vida do homem e assume uma forma, respeitando as diferenças entre os homens, ainda que, de uma mesma geração plural, etnia e classe social.

Palavras-chave: Masculinidade; Gênero; Saúde do homem; Cuidado.

RESUMEN:

La masculinidad se presenta de diferentes formas dentro de la coyuntura social y cultural de esos hombres académicos. Uno de los principales reflejos de los patrones tradicionales de masculinidad en el comportamiento de los hombres académicos ocurre en el campo de la salud, donde estudios sobre el tema apuntan que, en general, los hombres no adoptan medidas de promoción de la salud y prevención de enfermedades, así como no buscan ayuda cuando se enferman. Se trata de un estudio descriptivo, exploratorio, de naturaleza cualitativa que tuvo como referencial metodológico la hermenéutica-dialéctica. Los participantes de la investigación fueron quince académicos del género masculino, de diferentes cursos de graduación de la Universidad Federal Fluminense. Se utilizó el cuestionario de datos sociodemográficos y un instrumento de entrevista semiestructurada. De los resultados se formularon dos categorías: Ser y convertirse en hombre en la sociedad brasileña: Aprendiendo masculinidades con hombres académicos de la Universidad Federal Fluminense; Hombres en el contexto del cuidado: Desafíos para el campo de la salud. Los testimonios mostraron la importancia de conocer la representación que cada individuo posee acerca de su masculinidad, para que mejor se comprenda el hombre y sus expectativas. Se concluye que la reducida participación de los académicos con los cuidados en salud deriva en función de los modelos de masculinidad que se establece a lo largo de la vida del hombre y asume una forma, respetando las diferencias entre los hombres, aunque, de una misma generación plural, etnia y clase social.

Palabras clave: Masculinidad; Género; Salud del hombre; Cuidado.

ABSTRACT:

Masculinity presents itself in different forms within the social and cultural conjuncture of these academic men. One of the main reflections of the traditional patterns of masculinity in the behavior of academic men occurs in the field of health, where studies on the subject indicate that, in general, men do not adopt measures of health promotion and prevention of diseases, nor do they seek help when they become ill. This is a descriptive, exploratory study of a qualitative nature that had the hermeneutic-dialectic methodological reference. The participants of the research were fifteen male scholars, from different

undergraduate courses at the Federal Fluminense University. The sociodemographic data questionnaire and a semi-structured interview instrument were used. From the results were formulated two categories: Being and becoming a man in Brazilian society: Learning masculinities with academic men from the Fluminense Federal University; Men in the context of care: Challenges for the health field. The testimonies showed the importance of knowing the representation that each individual has about his masculinity, so that he better understand the man and his expectations. It is concluded that the reduced involvement of academics with health care is a function of the models of masculinity that is established throughout the life of man and takes a form, respecting the differences between men, although, of the same generation plural, ethnicity and social class.

Keywords: Masculinity; Gender; Men's health; Care.

Introdução

Os estudos relativos a masculinidades e homens ganharam relevância nas abordagens de gênero nas últimas duas décadas no país, em que a relação homem e saúde é objeto de atenção nos meios acadêmicos e também no contexto dos serviços de saúde, especialmente nas análises da sexualidade humana e saúde reprodutiva¹.

As pesquisas de gênero em saúde constituem um complexo e relacional campo com grandes possibilidades de desenvolvimento. Complexo, pois engloba temas (de saúde, adoecimento e cuidado) que tanto podem ser abordados no interior dos campos da saúde e das ciências humanas e sociais, independentemente, como de uma perspectiva de aproximação e colaboração entre eles².

Ao longo da história, a masculinidade se apresenta de diferentes formas dentro da conjuntura social e cultural. Tendo o homem como um “ser social”, não se pode negar que apesar dessa “liberdade” ainda existem determinados padrões sociais a serem adotados. A pressão social envolve desde relações com pessoas próximas, como família e amigos, até relações de menor intimidade. O “roteiro” social desenvolvido para homens exerce pressão, mesmo que,

inconsciente sobre pensamentos e atitudes onde a masculinidade se encontra quase sempre atrelada a essa figuração^{3,4}.

No âmbito da Saúde Coletiva, a preocupação com a temática da saúde masculina ainda se refere a uma temática recente e incipiente, porém em constante produção. Diversos estudos apontam para as implicações dos sentidos atribuídos ao “ser homem” nas condições de saúde, bem-estar e qualidade de vida da população masculina brasileira^{5,6}. Apesar das recentes iniciativas governamentais, os homens ainda se encontram distantes dos serviços de saúde e das práticas de cuidado, sobretudo aqueles voltados para a promoção da saúde e prevenção de doenças, resultando assim em maiores taxas de adoecimento, internações hospitalares e morte entre essa população^{7,8}.

Uma das dificuldades no tratamento à saúde dos homens é a questão de gênero, enraizada na sociedade, acerca da invulnerabilidade masculina. Segundo o Ministério da Saúde, os homens têm dificuldade em reconhecer suas necessidades, cultivando o pensamento mágico que rejeita a possibilidade de adoecer⁹.

Além disto, o processo de adoecer dos homens está ligado à representação sobre a masculinidade que compromete o acesso à atenção primária, bem como repercutem de modo crítico na vulnerabilidade deste grupo populacional⁹.

Baseada ainda nestas reflexões foi considerado como fundamental, para o direcionamento do estudo, as seguintes questões norteadoras: Como os homens acadêmicos da Universidade Federal Fluminense representam a masculinidade? Quais as implicações da representação da masculinidade para o campo da saúde desses homens acadêmicos?

Para o desenvolvimento deste estudo traçou-se como objetivo geral – Conhecer a representação da masculinidade dos homens acadêmicos da Universidade Federal Fluminense – e, especificamente, buscou-se analisar as implicações da representação da masculinidade desses homens acadêmicos para o campo da saúde.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório de natureza qualitativa. A abordagem qualitativa, em Ciências Sociais, pode ser ancorada em diferentes referenciais teórico-metodológicos. Neste estudo, optou-se pela perspectiva hermenêutico-dialética.

A abordagem hermenêutica, do ponto de vista metodológico, desenvolve-se nos seguintes parâmetros: busca diferenças e semelhanças entre o contexto dos autores e o contexto do investigador; explora as definições de situação do ator, supõe o compartilhamento entre o mundo observado e os sujeitos, com o mundo da vida do investigador; busca entender os fatos, os relatos e as observações e apoia essa reflexão sobre o contexto histórico; julga e toma decisão sobre o que ouve, observa e compartilha; e produz um relato dos fatos em que os diferentes atores se sintam contemplados e já a dialética busca nos fatos, na linguagem, nos símbolos e na cultura, os núcleos obscuros e contraditórios para realizar uma crítica sobre eles. O pensamento dialético precisa criar instrumentos de crítica e de apreensão das contradições da linguagem, compreender que a análise dos significados deve ser colocada no chão das práticas sociais, valorizar os processos na dinâmica das contradições, no interior das quais a própria oposição entre o avaliador e avaliado se colocam, e ressaltar o condicionamento histórico das falas, relações e ações¹⁰.

Para a coleta de dados, no primeiro momento, utilizou-se um questionário com quatorze perguntas, categorizadas em perguntas fechadas que dizem respeito à produção de dados sociodemográficos objetivos que caracterizam os homens acadêmicos participantes do estudo. No segundo momento da coleta dos dados, realizou-se uma entrevista semiestruturada, com perguntas abertas e de ordem subjetiva.

Os participantes da pesquisa foram quinze homens acadêmicos pertencentes aos diversos cursos de graduação da Universidade Federal

Fluminense (UFF), de diferentes faixas etárias, etnias e classes sociais, porém todos do gênero masculino.

O primeiro contato com os participantes ocorreu após estabelecer uma relação de confiabilidade, respeito e segurança com esses acadêmicos, onde cada um foi convidado, por meio de carta-convite, para participar da pesquisa. A correspondência continha uma descrição sucinta sobre os objetivos e a proposta do estudo, questões referentes à identificação dos pesquisadores e sua disponibilidade para participar da pesquisa. A fim de dar cumprimento às questões éticas em pesquisa, o estudo foi submetido ao Comitê de Ética do Hospital Universitário Antônio Pedro (HUAP) sob o CAAE 0264.0.258.000-10.

A partir dos dados coletados foram formuladas categorias nas quais foram agrupados elementos, ideias, expressões e palavras que se repetem ou são frequentes, para estabelecer classificações. A categorização dos dados significa apontar categorias nas quais se encaixam as expressões emitidas sobre um tema. O assunto, assim, é organizado de acordo com as palavras que costumam ser frequentes e que podem fornecer explicação consensual¹¹.

Resultados e Discussões

A escolha dos entrevistados deu-se de forma a buscar uma grande diversidade dos Cursos de Graduação da UFF, respeitando a vontade deles em quererem participar do estudo e para facilitar a compreensão do leitor, foram colhidos os dados sociodemográficos que dizem respeito à idade, estado civil, curso de graduação, religião, moradia, hábitos de vida e cuidados com a saúde dos acadêmicos do gênero masculino da Universidade Federal Fluminense.

Os homens acadêmicos da Universidade Federal Fluminense estão na faixa etária de 18 a 23 anos de idade, representando 27% (4) e todos se declararam solteiros. Desta forma, eles estão na fase da juventude e segundo D'Andrea (2007, p.185), vivenciar a juventude é uma situação difícil, pois nesta

fase da vida, o indivíduo se separa emocionalmente dos pais e desenvolve uma identidade pessoal e sexual ¹².

A distribuição dos Cursos de Graduação a qual pertencem os quinze homens acadêmicos da Universidade Federal Fluminense, 20% (3) eram do Curso de Biblioteconomia; 13% (2) eram do Curso de Letras, Produção Cultural, Economia e de Jornalismo; 7% (1) eram do Curso de Serviço Social, Medicina e Enfermagem. Procurou-se, neste estudo, entrevistar uma ampla diversidade de cursos superiores, a fim de obter uma maior heterogeneidade de ideias e opiniões centrais sobre a representação da masculinidade e suas implicações para o campo da saúde.

Em relação ao quesito cor/raça, percebeu-se que 67% (10) declararam ser brancos; 13% (2) pardos e 7% (1) negro e mulato ou ignora. Muitos jovens não sabiam em qual classificação se enquadrar, porém, houve uma prevalência na cor “branco”, apesar de muitos marcarem esta opção usando a justificativa de que no Brasil não existem brancos, conforme evidenciou-se neste trecho: “ se misturam-se café com leite, não se obtém nem café e nem leite, mas sim café com leite.”

Na questão religiosa, 33% (5) disseram acreditar em Deus, porém não tem religião; 20% (3) se disseram ser protestante ou não acreditar em Deus e 7% (1) disseram ser espírita ou católico não praticante. Cada religião tem suas diferenças quanto a alguns aspectos, porém, a grande maioria se assemelha em acreditar em algo ou alguém do plano superior e na vida após a morte.

Quanto à frequência em que os homens acadêmicos da Universidade Federal Fluminense procuram atendimento de saúde, 53% (8) afirmaram procurar atendimento de saúde somente quando sentem algum tipo de dor; 20% (3) procuram periodicamente e 7% (1) procuram sempre que possível. Luck e Courtenay^{13,14} em seus estudos constataram que os homens, em geral, padecem de condições severas e crônicas de saúde do que as mulheres e também, morrem mais do que elas pelas principais causas de morte.

Em relação à última vez que os entrevistados receberam assistência de saúde, o estudo apontou que 53% (8) receberam essa assistência entre 1 mês e menos de 1 ano; 20% (3) receberam nos últimos trinta dias ou receberam entre 1 ano e menos de 2 anos e 7% (1) recebeu a cinco ou mais anos atrás. De acordo com o departamento de ações estratégicas e programas do Ministério da Saúde, a diferença no cuidado com a saúde é atribuída a fatores culturais. Enquanto, a menina é estimulada a procurar o ginecologista desde o início da menstruação e a fazer exames preventivos a partir da primeira relação sexual, o rapaz só vai ao médico quando está doente⁹.

Os locais de atendimento de saúde procurados pelos homens acadêmicos da Universidade Federal Fluminense, na qual 46% (7) são atendidos em consultório médico particular; 27% (4) são atendidos em posto ou centro de saúde; 20% (3) em ambulatório de hospital e 7% (1) em farmácia. Atualmente, a automedicação vem sendo fortemente discutida em nossa sociedade, em virtude do incessante aumento de consumo indevido de fármaco. Em consonância, a cultura do consumo, estabelecida no século XIX, se fundamenta sobre o consumo de mercadorias onde o mercado é mediador nas relações sociais. Desta forma, tal acontecimento promove a diversificação dos fármacos, gerando a necessidade de criar demanda de consumo o que, conseqüentemente, coloca a propaganda como veículo fundamental para divulgação de um novo significado da medicação¹⁵.

Ao examinar os discursos dos acadêmicos da Universidade Federal Fluminense e, após leitura das entrevistas, obteve-se uma categoria temática:

Ser e tornar-se homem na sociedade brasileira: Refletindo sobre masculinidades com acadêmicos da Universidade Federal Fluminense

Quando se questionou aos acadêmicos da Universidade Federal Fluminense, como eles representam a masculinidade e quais os atributos que a define, eles determinaram que a masculinidade é uma construção sociocultural e

histórica, rejeitando-se que a biologia por si explique as diferenças entre os sexos:

“É um estereótipo...um rótulo da sociedade, uma rotulação que se modifica ao longo dos tempos.” (Entrevistado 1)

“Até os dias atuais, a masculinidade é um estereótipo, pois para a sociedade o homem tem que ser forte, tem que ser responsável e tem que impor respeito.” (Entrevistado 2)

“A masculinidade está presente na maneira como nos vestimos e na manifestação de nossas atitudes diante das situações e problemas que surgem na vida.” (Entrevistado 13)

Keijer¹⁶ argumenta que podemos compreender as marcas identitárias da masculinidade, situadas no âmbito das relações de gênero, como um conjunto de atributos, valores, funções e condutas que se espera que o homem tenha numa determinada cultura.

Na nossa sociedade existe um papel para o homem e outro para a mulher. Ao homem coube o espaço fora de casa, de caçar, de construir, de produzir. Já à mulher o espaço do lar, de nutrir de comida e afeto, de educar, de se responsabilizar pelo outro. Enfim, por muito tempo, ao homem foi reservado o espaço do prover e à mulher coube o espaço do cuidar. Dentre os atributos que definem a masculinidade, destaca-se a fala de dois homens acadêmicos da Universidade Federal Fluminense que tem a heterossexualidade como característica principal de masculinidade:

“Na minha opinião, o que define masculinidade seria o fato de você nascer homem, com a compreensão física de homem e, claro, no meu caso permanecer, assim, na heterossexualidade”. (Entrevistado 15)

“Acho que a masculinidade é uma questão de você se sentir atraído por uma mulher”. (Entrevistado 14)

As falas dos participantes encontram-se em consonância com a produção de variados pesquisadores que descrevem as masculinidades e suas diferentes formas. Segundo Welzer-Lang¹⁷ assimilando a sexualidade masculina

e sua cota de jogos, desejos e prazeres, o paradigma heterossexual se impôs como linha de conduta para os homens.

Desta forma, nas falas desses homens acadêmicos, remete ao que os estudiosos chamam de um modelo hegemônico de masculinidade, onde as características descritas são muito marcadas e presentes na vida da grande maioria dos homens da sociedade brasileira. Gomes ⁵ refere que o modelo de masculinidade hegemônica, destacam-se como eixos estruturantes a heterossexualidade e a dominação.

Em outro artigo, o modelo hegemônico de masculinidade também é citado por Garcia ³ que menciona que os valores hegemônicos das masculinidades são descritos por seus atributos, tais como: homem provedor, viril, agressivo, conquistador, com necessidade de demonstrar sua força, competitividade e heterossexualidade.

O participante 11, um universitário do Curso de Graduação em Letras, com 28 anos de idade chama a atenção, ao mencionar como principal atributo da masculinidade a honra.

“Acho que o maior atributo da masculinidade é a força, é a honra (...) Eu estou sempre buscando ser uma pessoa honrada, buscando sempre uma força.” (Entrevistado 11)

Os autores explicitam que a construção simbólica da masculinidade, articula-se em torno do desafio da honra de disputa entre homens e do controle das mulheres. Neste sentido, pode-se constatar que, apesar de fazerem parte de uma geração jovem, de terem uma formação mais elevada e reflexiva em relação a grande parte da população brasileira, as questões relacionadas à masculinidade estão enraizadas e são reproduzidas de geração a geração.

Muitas pessoas têm a ideia pré-concebida de que a humanidade toda é heterossexual e que uma minoria de indivíduos se encontra "viciada" num comportamento homossexual.

Para Bortolini ¹⁸ quando o assunto é homossexualidade ou transexualidade, o que não falta são opiniões. Algumas baseadas em conceitos, ideias e crenças e outras são construídas em cima apenas do senso comum e

mesmo do completo desconhecimento. Se olharmos à nossa volta, perceberemos que vivemos em uma sociedade com valores patriarcais, na qual impera entre os diferentes estereótipos que cercam os homens homossexuais, serem pessoas sensíveis e afeminadas, que faz pegação no banheiro e/ou que se agarra em lugares públicos no meio da noite.

Há espaços e/ou situações em que as masculinidades e feminilidades entram em maior evidência. Nestes espaços, a prevalência pode se dar até mesmo de forma não planejada, mas baseada em uma conjuntura social de diferenciação de gênero. Considerando-se que o gênero é uma categoria fundamental na vivência das práticas corporais no esporte e no lazer, e que a dimensão de gênero, também, está presente no amplo âmbito das relações humanas nas práticas esportivas e culturais. De acordo com os entrevistados, alguns espaços e/ou situações podem ser considerar características exclusivamente masculinas:

“Bares e ambientes ligados ao futebol e a luta livre.”
(Entrevistado 7)
“Estádios de futebol e boteco”. (Entrevistado 15)

A existência de espaços onde a masculinidade se apresenta de forma mais expressiva, não é algo incomum. Tais espaços e/ou situações são importantes no sentido de reafirmar as masculinidades. Segundo Paim e Strez¹⁹, no momento em que uma pessoa participa de uma torcida organizada, ela está sendo constituída de situações de expansão de várias emoções, muitas vezes, reprimidas pelo meio social do cotidiano. Desta forma, é diante da torcida que essa pessoa demonstra sua identidade e começa a manifestar e agir de maneira que não faria isoladamente, colocando para fora todo sentimento de impotência e frustração pessoal, que foram diluídas no coletivo das arquibancadas.

Portanto Gomes⁵ refere que essa aprendizagem costuma ocorrer em lugares monossexuados de homosociabilidade – espaços de que só homens participam – mediante o convencimento de que, para ser homem, deve-se combater o que poderia ser associado à mulher. Entretanto, para alguns

entrevistados esses espaços e/ou situações não são de exclusividade masculina, pois eles valorizam a equidade de gênero nos mais variados ambientes públicos.

“Acredito que não tenha ambientes exclusivamente masculinos. Acho que os ambientes públicos são para os dois gêneros”. (Entrevistado 12)

“Não tem um espaço específico. Acho que essa questão de você delimitar espaços específicos é muito segregador”. (Entrevistado 4)

Há ainda entrevistados que direcionaram os espaços e/ou situações exclusivamente masculinas à profissão, como sendo mais prevalentes para homens e para mulheres, evidenciando uma forma de autoafirmação da masculinidade, e a negação do feminino. Gomes (2008, p. 73) observa que a percepção do masculino como oposto ao que é visto como feminino ainda está muito incorporada ao nosso cotidiano⁵.” Nos depoimentos dos entrevistados isto pode ser notado: Os pais são os primeiros educadores com os quais as crianças têm contato, não há como negar que inúmeras informações e códigos sociais serão transmitidos e absorvidos pelos filhos, ainda que estes possam mudar ao longo dos anos acompanhados das experiências individuais.

Humphreys²⁰ refere que a família é o primeiro núcleo de socialização dos indivíduos. Ela é responsável pela transmissão dos valores, usos e costumes que irão formar a personalidade e a bagagem emocional do ser humano.

Baseados nessas experiências pode-se indagar aos entrevistados se a representação da masculinidade sofre mudanças ao longo dos tempos e pode-se perceber nos relatos a seguir, um grande destaque nos aspectos históricos e temporais:

“A masculinidade com o passar do tempo vem sofrendo mudanças. De acordo, com as influências que a pessoa tem ao longo da vida, com as experiências e com o repertório que a pessoa tem ao longo da vida”. (Entrevistado 9)

“A masculinidade muda, às vezes, de médio a longo prazo. Mas isso se dá a todo tempo”. (Entrevistado 7)

Para Gomes⁵ existe a concepção segundo a qual homens e mulheres são transhistóricos, eternos e as essências imutáveis vem sendo amplamente criticada. Ainda acerca da evolução das representações das masculinidades, Garcia³ ressalta a hegemonia é vista como historicamente mutável.

Na concepção de alguns pesquisadores as diferentes formas de expressar a masculinidade sofrem mudanças ao longo da história das civilizações. Gomes⁵ que de certa forma, exemplificam a premissa de que, em cada época histórica, são construídos valores e expectativas de modelos aos quais os sexos devem se ajustar para lograrem minimamente uma respeitabilidade social.

O que se compreende nos discursos dos acadêmicos da Universidade Federal Fluminense é que a representação da masculinidade sofreu mudanças, ainda que, sejam elas classificadas apenas como uma forma de amadurecimento e este só se fez de fato pelas vivências adquiridas no percurso da vida. Levando em consideração que as masculinidades são construídas em um contexto histórico, social e cultural. Neste contexto, foi pedido aos entrevistados que apontassem algumas dificuldades e facilidades, nos dias atuais, em “ser homem” e em “ser mulher” em nossa sociedade.

Como facilidades, os argumentos que se destacaram foram a condição de liberdade e as relações de disputa de emprego entre os sexos, na qual o homem seria favorecido na maioria das vezes, como se evidencia nos seguintes depoimentos:

“Facilidade de ser homem na sociedade...Assim, porque o homem tem certas liberdades, essa é a facilidade.”
(Entrevistado 4)

Apesar da redução da desigualdade de gênero, inclusive com a promulgação da Lei Federal n. 9.799, de 26 de maio de 1999, que trata singularmente sobre o acesso da mulher no mercado de trabalho e, de programas próprios do governo federal, é fato que as mulheres encontram dificuldades de

inserção no mercado de trabalho e, quando inseridas nesse contexto, recebem menos do que os homens e ocupando cargos hierarquicamente inferiores⁸.

A separação das carreiras reflete, em larga medida, a própria divisão sexual do trabalho, traduzindo-se em “carreiras femininas” mais vinculadas às áreas sociais, portanto de “cuidado” e as “carreiras masculinas” conhecidas como ciências exatas, mais técnicas. A essa separação corresponde uma divisão em termos de hierarquia e reconhecimento social e salarial. Enquanto as áreas ditas “femininas” acabam constituindo-se nas carreiras menos valorizadas socialmente, aquelas ocupadas em sua maioria por homens revelam-se espaços com maior remuneração e prestígio social. Já o argumento de liberdade mencionada pode ser lida como um machismo velado, onde ao homem é permitido um comportamento “transgressor” sem maiores julgamentos e às mulheres cabe a guarda da ética, da moral e do exemplo a ser seguido.

Muraro e Boff ²¹, apresentam que o processo de individualização à integração dinâmica é sempre difícil do masculino e do feminino [...] Esboça-se por todas as partes um novo tipo de manifestação do feminino e do masculino em termos de parcerias, de colaboração e de solidariedade, nas quais homens e mulheres se acolhem nas suas diferenças no horizonte de uma profunda igualdade pessoal, de origem e de destino, de tarefa e de compromisso na construção de mais benevolência para com a vida e a Terra e de formas sociais mais participativas e democráticas entre os gêneros. Como dificuldades, encontramos o peso das responsabilidades e dos estereótipos na masculinidade hegemônica impostos pela nossa sociedade, como se apresenta nos discursos que se seguem:

“Exatamente esse estereótipo. Você tem que se encaixar nele, senão você tem algum problema”. (Entrevistado 2)

“Uma dificuldade de você em determinados setores, você é obrigado a ter um tipo de postura que talvez você não queira”. (Entrevistado 6)

Discorrendo acerca das dificuldades de “ser homem”, um ponto que nos chama atenção está relacionada com o fato de homens terem interesse pelo campo das artes, conforme pode-se constatar no trecho abaixo:

“Eu acho que as pessoas que são ligadas em artes, sempre enfrentam uma dificuldade na parte de se expressar, sempre são taxadas como afeminadas.” (Entrevistado 14)

Nestas falas ficam evidentes que os tabus, mitos e estigmas que envolvem a cultura de uma sociedade deturpam o campo de conhecimento na qual as artes visuais, plásticas e cênicas estão inseridas. Salienta Simioni ²² que a história da arte é tomada como uma prática discursiva perpassada pelas dinâmicas de gênero, prática essa que se cristaliza na maneira como são construídas as suas categorias valorativas e as hierarquias que definem os próprios objetos sobre as quais se debruça enquanto disciplina.

O autor explicita que a maioria dos livros de história da arte exalta a genialidade artística masculina, discurso que também ressoa nos livros didáticos. Esse discurso pedagogizado sobre arte define a criatividade feminina como algo a ser controlado por receitas e prescrições de “como fazer”, escapando de qualquer nível de excelência, ou mesmo de qualquer semelhança e visibilidade da chamada “grande arte”²³.

Considerações finais

A masculinidade é estabelecida ao longo da vida do homem. Estando em sociedade, as questões de gênero envolvidas na organização das relações sociais entre indivíduos do mesmo sexo ou sexo oposto, mantém a conexão com toda a estrutura física, emocional e psíquica de cada homem.

As diferentes masculinidades se dão numa construção histórica, neste sentido, ela evolui e toma diferentes formas e significados de acordo com o tempo histórico, geração, etnia e grupo social.

Hoje, a masculinidade assume uma forma plural, respeitando as diferenças entre os homens, ainda que de uma mesma geração, etnia ou classe social. Apesar dessa tendência à diversificação, muitos, ainda não enxergam dessa maneira, considerando-se excluídos de um modelo hegemônico, caso haja qualquer fuga ou negação ao que é tido como “normal” ou minimamente comum.

No que se expressa essa masculinidade moldada segundo uma conformidade social, há que se aprender o que é previamente proposto e aceito pela sociedade, criando a existência de espaços onde a representação da masculinidade, torna-se evidente, mesmo que alguns desses ambientes também sejam frequentados por mulheres. Esta hegemonia de um estereótipo de masculinidade gera insegurança e insatisfação naqueles que procuram ser da maneira que determinam para si, pois o julgamento que a sociedade impõe não se deixa passar despercebido.

Tendo uma conjuntura social como base na evolução humana e na representação das masculinidades, a família aparece como primeira rede social onde esse indivíduo se encontra inserido, podendo, esta ensinar-lhe valores. E apenas apontar o caminho mais adequado para o homem melhor viver a sua masculinidade.

É complexo exercer uma masculinidade numa sociedade que ao mesmo tempo cobra muitas responsabilidades de um homem e oferece regalias. O meio termo é difícil de ser achado, ainda que, se viva cada um uma masculinidade diferenciada, não se pode negar abstrair uma sociedade que observa e avalia a todo momento seus pertencentes.

Trazendo à luz o campo da saúde, este homem que possui sua masculinidade socialmente construída, é atribuído muitos encargos que dependem um longo tempo livre e de seu vigor físico. Desta forma, questões relativas à saúde são tratadas em um plano inferior, sendo lembradas, na maior parte, somente em casos de dor aguda e/ou crônica.

Criar espaços que tenham uma maior identificação com o público masculino e também, adentrar nos espaços convencionalmente masculinos é

fundamental para que se possa promover à saúde, sendo esta não apenas a ausência de doenças, mas um bem-estar biopsicossocial e espiritual do indivíduo.

Referências

1. Machin R, Couto MT, Silva GSN da; Schraiber LB, Gomes R, Figueiredo WS, Valença AO, Pinheiro TF. Concepções de gênero, masculinidade e cuidados em saúde: estudo com profissionais de saúde da atenção primária. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(11):4503-4512, 2011.
2. Couto MT, Dantas SMV. Gênero, masculinidades e saúde em revista: a produção da área na revista *Saúde e Sociedade*. *Saúde Soc. São Paulo*, v.25, n.4, 2016, p.857-868.
3. Garcia S. Homens na intimidade. *Masculinidades Contemporâneas*. Ribeirão Preto: Holos, 2006.
4. Gagnon J. Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
5. Gomes R. Sexualidade masculina, gênero e saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
6. Modena CM, Martins AM, Gazzinelli AP, Schall SSLAVT. Câncer e masculinidades: sentidos atribuídos ao adoecimento e ao tratamento oncológico. *Temas psicol.* [online]. 2014, vol.22, n.1
7. Figueiredo WS. Assistência à saúde dos homens: um desafio para os serviços de atenção primária. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.10, n.1, p. 105-109, 2005.
8. Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: princípios e diretrizes. Brasília: DF, 2009.
9. Brasil. Instituto Nacional de Câncer. Síntese de resultados e comentários. Brasília: 2008.
10. Minayo MCS. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde. 5. ed. São Paulo -Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 2010.

11. Leopardi MT, Beck CLC, Nitschke EA, Gonzales RMB. Metodologia da pesquisa em saúde. Florianópolis: Pallotti, 2011, 344p.
12. D'Andrea FF. Desenvolvimento da personalidade. São Paulo: Difel Difusão Editorial S.A, 2007.
13. Luck M, Bamford M, Williamson P. Men's Health: perspectives, diversity and paradox. London: Blackwell Sciences, 2010.
14. Courteney WH. Constructions of masculinity and their influence on men's well-being: a theory of gender and health. Soc. Sci Med 2015; 50: 1385-401.
15. Slater Dom. Cultura do Consumo e Modernidade. São Paulo: Nobel, 2012.
16. Keijer B. Hasta donde el cuerpo aguante: género, cuerpo y salud masculina. In: Cáceres C, Cueto M, Ramos M, Vallens S, editores. La salud como derecho ciudadano: perspectivas y propuestas desde América Latina. Lima: Facultad de Salud Pública y Administración, Universidad Peruana Cayetano Herida, p. 137-52, 2013.
17. Welzer-Lang D. A construção do masculino, dominação das mulheres e homofobia, Rev. Estudos Feministas, 2011, vol. 9, p. 460-48.
18. Bortolini A. Diversidade sexual na escola. Rio de Janeiro: Pró-reitora de Extensão/UFRJ, 2008.
19. Paim MCC, Strey MN. Violência no contexto esportivo. Uma questão de gênero? Revista Digital, Educación Física y Deportes, Buenos Aires, v. 12, n. 108, maio 2007.
20. Humphreys C, Hester M, Hague G, Mullender A, Abrahams H. From good intentionsto good practiceMapping services working with families wherethere is domestic violence. irst published in Great Britain in August 2000, p. 9.
21. Muraro RM & Boff L. Feminino/Masculino: Uma consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2012.
22. Simioni, APC. Regina Gomide Graz: Modernism, textileart and gender relations in Brazil. Revista do ieb, n.45, p.87-106, set, 2007.

23. Gruppelli L. Docência Artista: Arte, Gênero e Ético-Estética Docente Laponte, UNISC, UFRGS, N.08, 2006. Humphreys T. A família: ame-a e deixe-a. São Paulo: Ground, 2010.